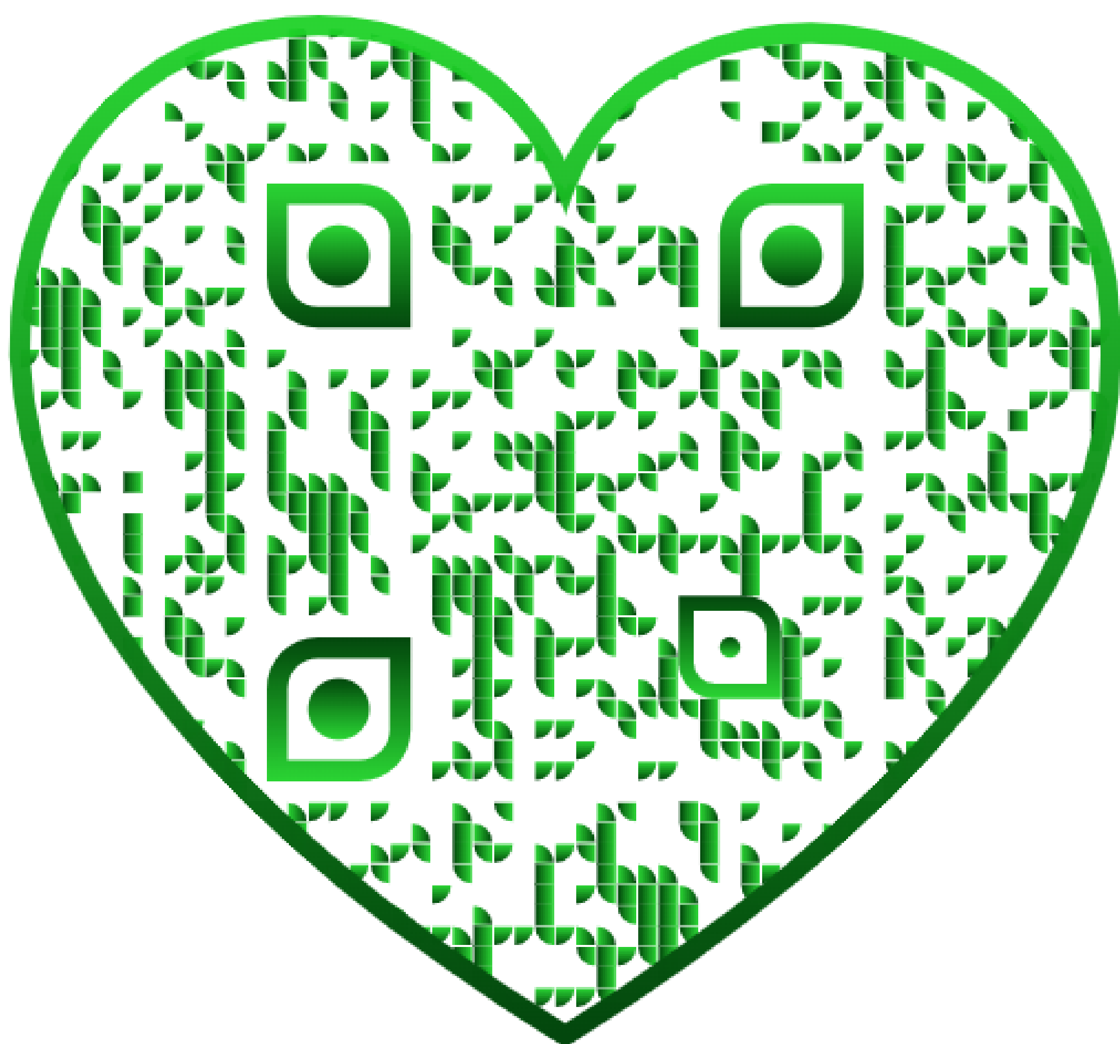
DEPOIS QUE TE DEIXEI

CONTO DA SÉRIE

ACK OCK

ARETHA V. GUEDES



Depois que te deixei

Aretha V. Guedes

Copyright © 2015 Aretha Vieira Guedes

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução em todo ou parte em quaisquer meios sem autorização prévia escrita da autora.

Título: Depois que te deixei

Série Jack Rock: Volume 1.5

Autora: Aretha Vieira Guedes

Capa: Izzy Ximenes

Revisão: Clara Taveira

Sinopse:

A música era o ar que Chris respirava. Ele não suportava mais se sentir sufocado sob o domínio de seu pai, O Delegado.

Aos dezesseis anos ele vai embora em busca de seu sonho. Porém, Chris não sabia o quanto de sua alma deixaria para trás com Elle, sua melhor amiga...

NOTA DA AUTORA

Conto da série Jack Rock contendo um pouco do que aconteceu com o Chris durante o tempo que ele passou longe da Elle. Este é um bônus para todas as leitoras que amam o Chris e gostariam de saber o que aconteceu com ele quando saiu de sua cidade pequena aos 16 anos para morar nas ruas e voltar quatro anos depois como uma estrela do rock. Para saber mais, leia a série Jack Rock, de Aretha V. Guedes.

<u>QUATRO ANOS ATRÁS</u>

Eu tinha um único sonho desde criança: ser uma estrela do rock.

Para conquistar o futuro, tive que abandonar tudo do meu passado. Incluindo minha melhor amiga e companheira de todas as horas: Elle. Eu devia minha infância e tudo que sabia sobre música a ela.

Quando a deixei, prometi que voltaria para buscá-la. Eu era apenas um garoto de dezesseis anos, mas um dia iria cumprir minha palavra...

MEMÓRIAS FELIZES

O que seria da minha vida agora? Estou tomando a decisão certa? Eu deixei para trás minha casa, minha família... E ela. Eu a abandonei chorando em seu quintal, mesmo nunca tendo suportado vê-la sofrer.

Helena... Elle como a "batizei". Ela merecia o melhor e eu não era isto. Pelo menos, não agora. Eu era seu vizinho e melhor amigo desde sempre, tinha dois anos quando ela nasceu.

– Ela é de verdade, tia? – estranho... Ela parece uma bolinha rosa toda mole.

A tia Liz quer me enganar! Os bebês no parque eram maiores. Ela nem abre o olho! Eu acho que é uma boneca... Olha o tamanho da mão, é muito pequena!

Cutuco sua mão com meu dedoe ela fecha seus dedos ao redor do meu com força. Ela se mexe!

– Está vendo, Chris? Ela abriu os olhos só para te ver.

É verdade! Ela está com o olhinho aberto.

– Viu? Helena é um bebezinho sim.

Eiena? Eeela? Elhea?

– Elle?

Sua mãe sorriu.

– Sim, Chris. Elle! Você vai me ajudar a cuidar dela?

Ela era tão pequenininha e eu já estava grandão. Poderia ser como os herois dos quadrinhos e protegê-la. Eu ia ser como o Homem Aranha!

– Sim, tia. Mas e se ela não gostar de mim?

A tia Liz sorri para mim.

– Isso seria impossível, Chris. Qualquer um que te conheça vai se apaixonar por você. Quer saber por quê?

– Quero!

Será que existe uma mágica para gostarem mais da gente? Eu podia usar no papai...

– Por que você é capaz de encantar todo o mundo! Há uma luz especial em você, Chris.

Olho para as minhas mãos procurando algum brilho. Não estou vendo nenhum...

– Como um vagalume, tia?

– Não, Chris! – sua gargalhada é tão grande que Elle abre os olhos novamente – Seu brilho será muito maior que um vagalume qualquer.

Esta é minha lembrança mais antiga. Não tem como esquecer, a tia Liz contava com orgulho para todo mundo!

Eu cumpri minha promessa, ajudei a cuidar da pequena Elle. Quando brincávamos no jardim, ela gostava de engatinhar atrás de mim. Não deixava comer terra ou as flores... Mas era muita teimosa! Sempre tentava fazer o que não devia.

O pior foi quando começaram a nascer os dentes: eu era seu mordedor favorito. A primeira vez que Elle me mordeu, fui chorando para minha mãe, achando que ela tinha se tornado má.

Mamãe achou engraçado, mas eu não! Lembro de ter ficado desconfiado dela por muito

tempo. Mas ela sorria e esticava os bracinhos gordinhos para mim e eu perdoava logo. Até ela me morder novamente.

Foi muito melhor quando Elle cresceu o suficiente para brincar de correr e esconde-esconde! Mas ela sempre me metia em encrenca, principalmente com meu pai. Sorrio com a lembrança. Elle aos dois anos já testava os limites de paciência d'O Delegado. Ela conseguia se safar piscando os olhinhos e sorrindo. Já eu, nem tanto.

Depois veio Samantha, outra menina na minha vida! E desta vez ela era realmente minha irmã. Elle a amava até demais, parecia a Felícia tentando sufocá-la com tanto abraço.

Eu deveria ser o rei entre as duas, mas terminava sendo o lacaio. No entanto, não me importava, estar no esconderijo secreto de Elle ou em qualquer lugar com ela era mil vezes melhor do que estar em casa.

Quando crescemos mais, O Delegado começou a me treinar para ser o futuro Chefe de Polícia! No início era legal, mas eu achava que também queria ser jogador, bombeiro e cowboy. Ele me ensinou desde pequeno alguns tipos de lutas como judô e caratê, além de formas corretas de segurar uma arma.

As meninas sempre arrumavam um jeito de nos espionar. Um dia O Delegado desistiu de afastá-las e deixou que elas participassem do treinamento. Se não pode com o inimigo, junte-se a ele. Ninguém segurava aquelas duas endiabradas!

Meu pai sempre foi menos rígido com Sam, porém eu não tinha direito a indultos. Havia o "Legado da Família" para seguir. Mas eu já havia escolhido meu próprio caminho, apenas não sabia disso na época. E tudo foi por causa de uma garota com olhos de mel e uma língua afiada como a picada de uma abelha.

Eu descobri a paixão pela música cedo. Sem Elle e sua mãe eu não teria aprendido a tocar nenhum instrumento. O Delegado era um homem antiquado e tinha uma política severa contra qualquer expressão artística, que achava ser perda de tempo, coisa de vagabundo.

Tia Liz me deu meu primeiro violão, e eu ensaiava escondido em sua casa. Ela até conseguiu uma professora de música para mim, sem que meu pai soubesse. A casa de Elle era meu refúgio. Um santuário onde eu podia expressar livremente minha paixão.

Para mim, a música movimentava o mundo e aquecia meu sangue. Sem isso, minha vida seria como um dia sem sol. Não teria cor ou brilho.

Agarro o violão que levo no meu colo. Também foi um presente de aniversário da Elle. Ela tem alimentado esta minha paixão por tantos anos. Devo tudo a ela.

No colégio, eu lutava judô, mas meu tipo físico não era extremamente atlético. Não estava no grupo dos idiotas populares, porém tinha os meus "camaradas", que sempre me pediam para cantar alguma coisa durante os intervalos das aulas.

Aos onze anos eu havia dado meu primeiro beijo em uma garota da escola. A tia Liz tinha razão, bastava eu cantar e sorrir que as meninas ficavam "encantadas" e eu usava isso a meu favor. Elle era a única que sempre foi imune ao meu charme. Ainda bem! Seria estranho ter minha melhor amiga babando por mim como as outras garotas faziam.

Aos quatorze anos, eu já era lenda na escola, mesmo que não me importasse com este título. E Elle? Bem, ela continuava minha amiga como sempre. Na verdade, representava mais que isso, era como uma... Irmã?! Não como a Sam, mas como uma extensão de mim.

Aos doze anos, Elle já chamava atenção dos outros rapazes. Eu conseguia controlar meus amigos, mas os outros caras não. Um dia, um desses admiradores a levou para um baile. Eu apenas quis garantir que suas intenções eram honestas e o abordei. Não tenho culpa se ele saiu correndo! Não era homem suficiente para ela.

Como Elle me agradeceu? Um chute bem no meio das bolas. Depois disso, parei de interferir em seus namoros. Um pouco... Que ela saiba... Eu apenas queria garantir que ela fizesse a melhor escolha. Ninguém deveria machucá-la.

E agora era eu quem estava fazendo isso com ela. Eu vi a lágrima brilhar em seu rosto quando parti, por isto fui embora sem olhar para trás uma segunda vez.

Se tivesse feito isto, jamais iria embora.

DIAS SOMBRIOS

No ônibus que me levava para longe na noite escura, meu único conforto era saber que Elle estaria sempre protegida pelos pais que a amavam muito. E ainda havia Sam, que faria companhia a ela e vice-versa.

Eu precisava seguir minha vida. Eu tinha que perseguir meu sonho.

Amanheceu quando o ônibus chegou à metrópole mais próxima. Aqui será a minha primeira tentativa. Não posso gastar todo o meu dinheiro com passagem para uma cidade mais longe.

Enquanto tomo um café com pão em uma padaria barata, penso no que fazer a seguir. Não pensei muito além de fugir de casa depois da briga com meu pai.

– Você não passa de um vagabundo imprestável! – O Delegado pega um enfeite da mesa e o joga contra a parede – Fica ensaiando música como uma mulherzinha pelas minhas costas! Achou que eu não descobriria? Eu sou o delegado dessa cidade e isso acaba hoje!

Porra! Ele descobriu sobre as aulas de violão. Os pais de Elle pagavam a aula, como se Elle fosse aluna, mas não era. Eu era, não ela.

– Por quê? Só porque eu não quero ser como você? – grito frustrado – Você acha que faz alguma diferença no mundo? É só um delegado de uma cidadezinha de merda!

A ira brilha em seus olhos, seus punhos abrem e fecham.

– Você acha que meu trabalho é uma merda? – ele vocifera.

– Não só seu trabalho! Você é uma merda de pai, uma merda de marido, uma merda de preconceituoso. Você é a porra de um merda*!*

Ele parte para cima de mim, e eu me preparo para a luta. Posso ser menor que meu pai, mas ele me treinou desde criança. Não vou cair sem brigar.

Minha mãe grita:

– Se afaste do nosso filho! Você está louco?

O Delegado respira pesado. Como um touro enjaulado.

– Escolha agora garoto: a música ou a cidadezinha de merda – ele aponta o dedo em riste para mim – Você não poderá ter os dois.

Quase ri na sua cara! Tudo que eu queria era me livrar de sua prepotência. Eu só suportava esta vida por causa de Elle e Sam.

Elle... Eu ganharia a liberdade, mas iria perdê-la. Para onde eu iria aos 16 anos e sem ninguém? Nunca estive sozinho na vida. Não desde que Elle nasceu.

Meu pai sacode meus ombros com força.

– Escolhe agora! Eu ou a música!

– A música! – *grito com raiva para aquele "pai" frio – Pelo menos da música eu consigo ter algum tipo de emoção.*

Uma buzina me despertou e a memória da noite passada deixou um gosto amargo na boca. Eu, sendo menor de idade, não conseguiria emprego fixo. Não que eu estivesse à procura de um...

Não sabia o que seria do meu futuro, mas eu tinha uma certeza: se eu havia saído de casa por causa da música, era nisto que eu iria trabalhar. O meu objetivo quando saí de casa não era apenas sobreviver. Eu queria ouvir o coro das multidões, a adrenalina dos shows e o rock na veia. E não seriaum vagabundo por causa disso.

Mais fácil falar do que fazer. Morar nas ruas não era moleza, a fome e o medo eram companheiros constantes. Eu podia não ser um caipira do interior, mas também não era um garoto da cidade, logo, não conhecia os lugares que podia ou não andar.

No entanto, aprendi rápido. Não há escola melhor que as ruas. Era isto ou apanhar até a morte. No meu caso, eu tinha uma vantagem: O Delegado poderia ter muitos defeitos, mas em uma coisa ele acertou: me instruir nas artes marciais.

Na maioria das vezes, eu apenas me defendia, pois muitos deles podiam estar armados. Também não queria ser "marcado" por nenhum, ainda mais se descobrissem que era filho de policial, então minha técnica de sobrevivência nas ruas era passar sem ser notado e não ficar muito tempo no mesmo lugar. De noite me escondia em parques e praças ou vagava em ônibus e metrôs, dormindo onde achava que seria mais seguro no momento.

O violão era o meu bem maior e eu não deixaria que roubassem. Era minha última lembrança da Elle, ele e uma foto nossa que tenho de seu último aniversário. Estamos sujos de bolo e seu sorriso é tão grande que me lembrava dias melhores.

Sentia tanta falta dela! Tentava ligar pelo menos uma vez por semana, como havia prometido. Muitas vezes eu dava toques de telefones públicos e Elle me ligava de volta. Sua voz estava cada vez mais triste e preocupada.

Eu mentia, coloria a realidade para ela. No fundo, acho que Elle sabia e nós sofríamos separados e preocupados um com o outro. Nenhum bar ou clube me aceitava como cantor, já que eu era menor de idade e não tinha um responsável que assinasse uma autorização.

Passei a tocarnas esquinas, nos ônibus e nas portas de alguns supermercados pequenos. A gorjeta era razoável, principalmente das meninas. Eu não era virgem e logo percebi que dividir a cama de uma mulher poderia ser divertido e prático. Não me prostituía, apenas ficava com as que me interessavam. Também jamais aceitei dinheiro, só o conforto de dormir em uma cama macia com uma mulher quente ao invés do vagão de um metrô.

Em outras noites, eu queria apenas paz. Me escondia entre as árvores do parque e observava as estrelas que tanto encantavam Elle.

Há quatro meses eu estava nesta vida. Um dia estava tocando em uma esquina quando um moleque roubou o meu chapéu com as gorjetas. Corri atrás dele até um beco escuro. Grande erro. Havia mais dois garotos lá. Eram três contra um, e um deles estava com canivete. Merda! Com o violão ainda pendurado nas costas, jogo minha mochila no canto e levanto as mãos em rendição.

O maior com o canivete aponta a arma para mim.

– Eu quero o violão também.

Retiro a alça do meu torço e o deposito com reverência no chão ao lado da bolsa.

– Agora vaza daqui! – o menor que serviu de isca diz com autoridade.

Eu levanto minha cabeça e falo grosso:

– Não sem minhas coisas.

Os três me olham surpresos. Eu havia retirado o violão para que ele não quebrasse na luta, não porque eu iria entregar tudo que possuo para esses idiotas.

– Quer morrer, porra? – o do canivete me pergunta. Ele é meu primeiro alvo.

Ele avança em minha direção. Seu braço faz um movimento rápido de trás para frente mirando minha barriga.

No judô aprendi a usar a força do oponente contra ele. Espero o momento certo e agarro seu antebraço, logo acima do pulso. Torço-o para trás em uma chave de braço Ude-garami. Ele solta imediatamente a arma.

Sinto uma dor forte nas costas, um dos outros me chutou. O ar escapa dos meus pulmões e solto o líder da gangue. O segundo que levei para recuperar o fôlego foi o tempo que eles precisavam de vantagem.

Defendo-me dos golpes como posso e tento incapacitá-los. Além da desvantagem numérica, também não me alimentei bem nos últimos meses. Não tenho a mesma resistência de antes.

Mas não desistirei fácil. Consigo dar um ippon no menor deles. Ele bate a cabeça e fica desacordado. Agora são dois contra um. Estou defendendo os golpes quando sinto um ardor na lateral da minha barriga.

Me viro para o líder. Ele ainda não consegue segurar o canivete sujo de sangue com firmeza, porém foi o suficiente para me atingir. O golpe seguinte é no meu olho. Baixei a guarda e o menor me atingiu um gancho de direita.

Minha cabeça gira, mas ainda tento me defender em vão. Agora é o fim.

Não haverá mais sonhos e nem futuro.

Não poderei cumprir minha promessa...

ROCK 'N ROLL, BABY

– Que porra está acontecendo aqui? – Uma voz distante berra.

Mesmo com olho inchado consigo distinguir duas formas que correm em minha direção.

– Saiam daqui ou vou chamar a polícia! – o mais magro grita.

– Esqueça a polícia! Eu dou conta desses dois moleques sozinho. – o mais forte berra de volta.

Os trombadinhas ajudam o amigo ainda tonto da pancada na cabeça a se levantar e saem correndo para a entrada do beco. Cuspo sangue no chão.

– Ei, cara – o magro coloca a mão no ombro – Venha, vamos te ajudar. Eu me chamo Arthur, qual o seu nome?

– Chris.

– Tudo bem, Chris. Você está seguro agora. – Arthur me levanta junto com o outro cara que parecia mais uma pedreira de tantos músculos.

Eles me levaram através de uma porta que dava na cozinha de um bar. Os dois me ajudaram a estancar o sangramento na barriga, por sorte o corte havia sido superficial.

– Temum banheiro de funcionários no final do corredor, melhor você tirar essa roupa suja de sangue. Depois a gente faz uns curativos.

Minha primeira escolha seria dormir. Meus olhos pesam, mas não devo, posso ter sofrido alguma concussão.

O banho terminou sendo uma boa escolha. Me senti quase renovado, se não fosse o olho roxo, o corte na barriga e a contusão nas costelas onde eles me chutaram. Mas poderia ser pior. Eu poderia ter morrido. Arthur e "Pedreira" usaram todo o kit médico disponível no bar em mim, mas eu iria viver.

– Você está com fome?

Sou um adolescente. Mesmo quando não morava na rua, a resposta sempre era sim para esta

pergunta. Eles me oferecem sanduíche e refrigerante. Depois, Arthur me faz companhia enquanto coloco gelo no olho.

– O que você fez para se meter naquela briga?

– Eles quiseram me roubar e eu reagi. – digo.

Arthur sorri e coloca os pés em cima da mesa.

– Nunca ouviu falar sobre reagir a assaltos? A polícia diz na TV que nunca é boa ideia...

A referência à polícia me deixa incomodado. Se eu morresse hoje, meu pai se importaria? Se ele morresse hoje, eu me importaria? No momento, não...

– Acho que eu não tenho assistido TV estes dias... Não podia deixar que eles levassem meu violão. – digo dando de ombros.

– Eu sabia que te conhecia! – Arthur estala os dedos no ar – Você toca na outra esquina por trocados. Cara, você é bom.

– Valeu. – digo sem muita empolgação.

Os próximos dias serão de fome. Não poderei tocar com o olho roxo e machucado. Se alguém chamar a polícia, alguém vai ligar para o meu pai e me enviar para casa.

Arthur me analisa concentrado.

– Você mora aonde?

– Aqui perto. – falo desconfiado.

– Sei... E você carrega uma mochila de roupas nas costas porque mora aqui perto? – ele continua a me encarar – Aposto que você também é de menor.

Me levanto e coloco a bolsa de gelo em cima da mesa.

– Valeu por tudo, mas tenho que ir, cara. – o que esse Arthur quer comigo?

– Relaxe! Sente de novo, eu tenho uma proposta para você... – ele puxa uma cadeira para mim – eu sou cantor e garçom aqui. Mas não sei tocar violão bem. A gente podia formar uma dupla. Até se apresentar em alguns bares maiores.

– Como você já percebeu, eu só tenho 16 anos – olho para sua magreza excessiva e cabelo

curto sujo – Aliás, você também não parece muito velho.

Ele sorri e tira uma carteira do bolso de trás, abre e puxa uma identidade.

– Segundo isto aqui – ele me mostra o documento – eu sou maior de idade desde os 15 anos...

Ah, isto poderia funcionar.

– Como consigo uma destas? – pergunto interessado.

Arthur guarda novamente a carteira e diz:

– Me ensine a tocar como você que eu consigo uma.

E assim começou uma grande parceria. Arthur me ensinou várias manhas da rua e me deu uma identidade falsa. Eu o ensinei a tocar violão e conquistar os fãs. Juntos crescemos tanto que chamamos a atenção de um empresário.

Arthur era uma pessoa feliz na maior parte do tempo. Ele tentava ver o lado positivo em tudo, mas haviam momentos em que seu passado o alcançava e ele mudava. Às vezes ele me ouvia, conversar parecia ajudá-lo, outras vezes ele se fechava dentro de si mesmo. Mas não importava seu humor, Arthur sempre cantava com a alma.

Quando Bobby, o empresário, veio conversar com a gente, nos mostrou umaperspectiva era maravilhosa. Bob já tinha mais dois componentes para formar uma banda: Alysson seria o baixista e uma garota, Kim, a baterista. Ainda não os conhecia, mas não me importava. Ter uma banda era meu sonho.

Numa tarde, Bob chegou de testa franzida e chamou Arthur para conversar. A discussão foi grande e nenhum dos dois estava feliz quando acabou. Depois que Bob vai embora, exijo uma explicação de Arthur. O que ele me contoufoi o suficiente para me chocar. Os meus problemas não eram nada comparados aos dele.

Arthur tinha muitos demônios do passado no seu encalço...

TRÊS ANOS DEPOIS

O Jack Rock é meu sonho realizado. Agora sou guitarrista e segunda voz da banda de rock do momento no país. Será que um dia conquistaria o mundo? Não me importava muito, o que amava era estar no palco e cantar para a multidão. Não havia droga melhor.

Estávamos em um clube noturno comemorando Deus-sabe-o-quê. A área VIP é excelente, reservada e ótima para uma festinha particular. Eu e meus companheiros de banda estávamos sentados bebendo em um grande sofá de couro vermelho.

– E aí, qual vai ser o menu de hoje? – John, o vocalista, pergunta com malícia.

Várias garotas receberam a “honra” de entrar aqui. Todas lindas e seminuas em suas roupas minúsculas, dançando sensualmente acompanhando a batida da música. Queriam ser escolhidas, não importava por quem.

Dou de ombros e tomo um gole da minha cerveja.

– Estou pensando naquela loira ali – aponto para uma garota com corpo delicioso dançando próximo a mim – Os peitos dela parecem de verdade. Para variar.

John solta uma gargalhada e observa o balançar dos seios da mulher. Ele acena concordando.

– Como sempre, Chris. Você tem razão.

Ele já está com uma ruiva no colo se esfregando nele. A menina parece que foi vampira na outra vida, considerando o tanto que chupava seu pescoço. John puxa seu cabelo com força e a beija forte.

Alysson aponta para duas garotas morenas e elas se aproximam. Ele as senta uma de cada lado e os três começam a se beijar ao mesmo tempo.

Kim balança a cabeça em negação:

– Vocês são nojentos...

Sorrio para a irritadinha.

– E você também não é uma santa.

Ela me dá uma piscada de olho e se levanta.

– Tem razão! Quase me esqueci desse detalhe.

Seu alvo é um moreno alto, e em poucos segundos os dois já estão se agarrando. Pego uma garrafa nova de cerveja e ando em direção da garota loira. A agarro por trás, segurando sua cintura fina e beijo seu pescoço.

Ela se assusta, mas quando percebe que sou eu, se derrete em minhas mãos. Ser uma estrela do rock tem suas vantagens, não perder tempo com paqueras é uma delas. Ela se encosta mais em mim e esfrega sua bunda em minha virilha.

É todo o incentivo que preciso para deixar minhas mãos passearem livres em seu corpo. Volto para o sofá e a garota sobe no meu colo. Não me importo em perguntar seu nome. Não lembrarei dela amanhã.

Ela continua se esfregando em mim. Coloco uma mão em sua cabeça, baixando-a para alcançar sua boca. A outra mão vai para dentro do top, seus peitos enchem minha mão e eu tinha razão. São de verdade.

Ela geme enquanto eu continuo a torturá-la. Aproveito para descer minha boca pelo seu pescoço. Quando o celular em meu bolso começa a vibrar, ignoro o inconveniente e continuo me esbaldando na loira. Em breve eu teria que procurar um lugar mais reservado.

O telefone insiste em vibrar, e eu seguro a loira com o braço enquanto resgato o celular do bolso. É Samantha. Penso em ignorar, mas ela nunca liga tão tarde da noite. Com a loira ainda em meu colo atendo a chamada.

– E aí, Sam?

– Chris? – sua voz está desesperada – Houve um acidente! A tia Liz e o tio George... Ai, Chris... A Elle...

Ela está chorando e não consigo escutar direito com o barulho, mas o que ouvi foi capaz de gelar meus ossos. Levanto-me abruptamente, derrubando a loira no chão. Não me importo. Corro para o silêncio relativo do banheiro.

– Sam, repete devagar. O que aconteceu? – tento manter a calma.

– Eles estavam voltando do sítio e o carro capotou – ela tenta conter o choro – Os tios morreram, Chris! O carro pegou fogo...

Meu coração para. Me encosto na parede e caio no chão. John entra no banheiro e me olha preocupado. Se agacha e põe a mão no ombro, dando apoio.

– E a Elle? – minha voz falha – Ela... Ela está viva?

– Sim, mas não acordou – Sam chora e diz desesperada – Elle está em coma, Chris!

Meu mundo desaba. Eu não posso perder minha Elle! John retira o telefone da minha mão e fala com Sam. Não escuto a conversa, tudo que posso ouvir é um zunido em minha cabeça. Eu deveria ter voltado logo, por que demorei tanto?

Não sei quanto tempo fico em choque no chão do banheiro. John sacode meus ombros me chamando:

– Chris! Levanta, cara. Vamos.

Olho confuso para ele. Me sinto entorpecido.

– Para onde?

– Acordar sua garota. Já falei com o Bobby, estão arrumando o jatinho – ele me conduz através do clube até o carro – Não fique assim. Se todas as histórias que você me contou são verdadeiras, essa tal de Helena é osso duro de roer. Ela não vai desistir tão fácil...

Concordo, ainda meio anestesiado.

– Elle. Ela odeia ser chamada de Helena, acha que estão querendo brigar com ela.

– Certo... Que seja. Vamos lá.

– Vamos? Você vai comigo? – digo surpreso.

John para e olha para mim sério.

– Depois de todos esses anos, você ainda acha que te abandonaria neste estado?

– Eu sei – aproveito para falar de algo que me incomodava depois de tanto tempo – Ei, aquele lance do Arthur...

John levanta a mão me interrompendo.

– Você sabe que não deve falar este nome perto de mim – seu tom é incisivo – Nunca mais.

É, eu sei. Mas ainda quis tentar.

Em pouco mais de uma hora estávamos no jato a caminho de ver Elle. Tudo que eu mais desejava era tê-la viva e saudável em meus braços novamente.

John me olha e diz.

– Vamos ver se sua princesinha é tudo isso que você diz ou se ela é mais uma garota boba como todas as outras.

Pela primeira vez desde que recebi a ligação, sorrio.

John não sabia o que o aguardava.

